

JAZZ

2 FEVEREIRO 2018

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

João Barradas Home

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Acordeão João Barradas Guitarras Mané Fernandes, Gonçalo Neto Vibrafone Eduardo Cardinho
Contrabaixo Ricardo Marques Bateria Guilherme Melo

Sex 2 de fevereiro
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

João Barradas: Home na primeira pessoa

O grupo Home é uma espécie de *side project* do meu outro, Directions. Tem uma pequena ligação temporal a esse projeto e, embora menos visível, uma conexão estética com alguns momentos do disco que lancei com ele. Com a atribuição do Prémio Jovens Músicos (PJM) aos Home surgiu a possibilidade de gravar a banda pela Inner Circle Music e pela portuguesa Nischo. Nesse momento achei que era a altura ideal para largar o programa *straightahead* que apresentámos nos primeiros concertos e no PJM. Desde cedo que tinha a ideia de juntar duas guitarras elétricas a uma secção rítmica para que o grupo ganhasse mais densidade harmónica e pudesse recorrer a mais efeitos (refiro-me a processamento sonoro, pedais de efeitos, etc.). Em agosto de 2016 tocámos na Casa da Música e escrevi o tema “An End as a New Beginning” especialmente para esse acontecimento. Queria uma composição diferente do nosso restante programa e experimentar um som mais agressivo. Troquei o contrabaixo pelo baixo elétrico e o acordeão pelo acordeão Midi. As duas guitarras comportavam-se como a fonte melódica principal e o vibrafone teve um papel de acompanhador diferente do acordeão.

Compassos compostos

A opção pelos compassos compostos foi, para mim, óbvia. Desde cedo que tive contacto com esse tipo de material e achei interessante sobrepor, a esses compassos, melodias e *compings* (o tipo

de acordes, ritmos e contramelodias utilizados no jazz) fora dessa métrica. O resultado final é um *groove* feito por toda a banda. Esta música vive muito das partes individuais escritas para cada um de nós. A ausência de um dos músicos compromete, e muito, o resultado final. No primeiro ensaio que fizemos com este tema o resultado foi imediato. Todos percebemos que aquele era o som da banda e a partir daí fomos ajustando cada um dos instrumentos (articulação, escolha de modelos) e a nossa maneira de improvisar na estrutura. O “An End as a New Beginning” tornou-se na peça fundamental para a criação das demais e de tal modo que o termo “composição” ganhou mais força aqui do que no próprio “Directions”. Depois de ter experimentado o “An End as a New Beginning” com eles, rapidamente percebemos que não só nos iríamos divertir a tocar como a banda até tinha tendência natural para este tipo de som.

Ao contrário do “Directions”, para o qual escrevi 11 temas totalmente distintos que apontavam para várias “direções”, decidi fazer o contrário e estive mesmo quase a enumerar os temas como fazendo parte de um pensamento maior, como se fosse uma suite. A ideia era simples, todos os temas teriam de usar o mesmo material e versões diferentes desse mesmo material. Por exemplo, “Homesick” é a continuação de “Aurora”, usando muito do mesmo corpo. As melodias estão todas interligadas, às vezes em contextos menos claros, como a re-harmonização da mesma melodia contra uma nova harmonia, a utilização da mesma harmonia

em ordem inversa, etc. Quis experimentar este processo, foi desafiante e acabei por escrever toda a música de forma rápida e orgânica.

Tive uma grande preocupação depois de escrever o primeiro tema: como fazer com que todos os membros do sexteto tivessem um papel específico e necessário? Para isso tinha de resolver o problema criado pela existência de dois instrumentos harmónicos a competir pelo mesmo espaço, o acordeão Midi e o vibrafone, e organizar duas guitarras para que soassem independentes e, mais importante, distintas. As soluções acabaram por chegar escrevendo partes individuais e adaptando-as à identidade de cada um, incluindo a minha. Nos primeiros ensaios todos eles, sem exceção, fizeram algumas alterações ao que eu tinha escrito. Aliás, Guilherme Melo é o responsável por quase todos os *grooves*, pois escrevi pouquíssimo material para a bateria.

Um grupo de amigos

Com este grupo de amigos, alguns que já conheço há bastantes anos, foi muito fácil escrever música com informação para os instrumentistas, pois tinha a certeza de que ela iria ser tocada e melhorada no palco por eles. Os Home reúnem identidades musicais díspares, e esse facto tem-nos trazido imensas boas histórias e uma grande evolução enquanto músicos e pessoas. Senti, no entanto, ao longo do ano passado que faria mais sentido abster-me de solar e ficar num papel secundário dentro do meu próprio grupo. Aquilo que escrevi na altura para os Home e o meu pensamento enquanto

improvisador na altura, e ainda mais agora, podiam ser fonte de algum atrito. Não podia estar mais contente com as ideias musicais de Mané Fernandes e Eduardo Cardinho, que têm as principais formas de solo neste projeto.

Um grupo com duas guitarras era uma vontade antiga. Achei que era o momento. Gonçalo Neto foi um dos meus primeiros amigos quando voltei para Lisboa em 2011, vindo de França. Criámos uma forte amizade desde o primeiro dia e sinto que o conheço bastante bem. Foi o primeiro músico que convidei. Tínhamos tocado em várias formações juntos e nos últimos dois anos isso não acontecera com a regularidade necessária. É um improvisador com um gosto muito especial e tinha de ser ele a improvisar na balada “The Human Journey in Search of Meaning”. Toquei pela primeira vez com Mané Fernandes no seu grupo Bouncelab, como convidado no Festival Porta-Jazz. O Mané inspira-me pela sua frescura e genuína procura de algo mais, que não só na música. Queria também ter Eduardo Cardinho comigo. É um supermúsico, dos que mais admiro cá em Portugal. Um dos temas dos Home com mais impacto em palco é “I’m Going Away for Awhile, Don’t Try and Follow Me” e ele é o culpado de o fazer subir em energia. Para além de ser um amigo próximo e isso se refletir na nossa música, é um daqueles exemplos em que me esqueço que estou a ouvir determinado instrumento, no caso o vibrafone. É ele – ponto final.

Na secção rítmica temos Ricardo Marques e Guilherme Melo, que são

os membros mais jovens da banda e que têm uma química incrível. São amigos de infância, estudaram juntos em Coimbra, vieram para Lisboa e decidiram abraçar esta música com muita vontade. Acabaram por criar grande parte do som de banda. Este grupo acabou por me trazer uma das experiências em estrada mais gratificantes. Não é uma condição necessária, mas prefiro fazer música com amigos.

A mesma casa

Tanto para os Directions como para os Home escrevi música sem pensar na estética com que improviso, naquilo que quero ouvir enquanto “linguagem falada / improvisada”. E essa dualidade entre a composição e o solista agradou-me especialmente até à gravação destes álbuns. O “Directions” revelou pela composição uma variedade de influências passadas na minha infância e na minha adolescência até ao momento em que o gravei. Os Home revelam na escrita o espaço temporal que vivi de julho a dezembro de 2016, que foi a nível criativo e pessoal muito importante na minha vida.

O recurso a aspetos rítmicos do rock e de outras músicas surge por frequentarmos todos a mesma “casa”. É uma espécie de hibridização entre a minha vivência em Lisboa e as minhas viagens pelo estrangeiro a tocar a minha música e a dos outros, o que oiço quando ligo o rádio e a TV, o que me chega pela Internet, as minhas memórias, as memórias dos outros e as histórias que se criam durante este processo. Acabou por existir um compromisso entre a

complexidade (ou a sua ideia) dos polirritmos com os compassos compostos e um trabalho harmónico que foi pensado para ser homónimo. Este som agradou-me e acabou por ser a estética geral do grupo, à exceção de “Interlude”, onde apenas eu improviso sobre alguns “gestos” e que umas vezes chega a ser uma composição completamente “free” e outras um interlúdio a pensar no próximo tema do concerto.

O acordeão para lá do acordeão

Não pretendo ser ingrato com este instrumento que adoro e que é a minha voz musical preferida para me expressar. Esta música apareceu-me, no entanto, originalmente com este timbre de Fender Rhodes e de MiniMoog e não com o acústico. Em nenhum momento pensei desfazer-me do som do acordeão, da linguagem dos acordeonistas ou da sua história. Não faria sentido, é o instrumento que escolhi. Por outro lado, nunca estive nos meus propósitos fazer música que fosse uma espécie de “ode” ao meu instrumento. Pessoalmente, interessa-me o resultado final. Para isso existe uma ordem de importância que vai desde a linguagem ao material e da sua execução ao timbre. Interessa-me em primeiro lugar a ideia. Quando esta me ocorre, não sei ainda se será possível realizá-la tecnicamente, se faz sentido aprofundá-la, se é boa ou má. É uma ideia musical que tem início na minha mente e não nas capacidades do instrumento ou nas minhas como instrumentista.

O tema “An End as a New Beginning” foi escrito diretamente no Sibelius,

no computador. Eu sabia que queria um som com ataque de piano elétrico. Se a ideia inicial tivesse como condição, *a priori*, o som acústico das palhetas, o meu Pígnini estaria a tocar no tema. Mas a grelha harmónica e a sua agressividade sugeriu outro som. Considero-me, antes de ser acordeonista, um improvisador/compositor/intérprete. Vejo no acordeão acústico a forma mais óbvia para expressar as minhas ideias. É esse conjunto entre a ideia e o som do instrumento que me fascina. Tenho muito carinho por ideias musicais que extravasem a sua instrumentação. O acordeão Midi deixou-me chegar mais perto desse primeiro propósito. Algumas pessoas mais ligadas ao mundo do acordeão dizem-me pontualmente que fazem falta mais citações “acordeonísticas” nos meus programas ao vivo, improvisações ou até o som do acordeão acústico. Aceito e entendo a sua crítica, totalmente, mas acredito que responder àquela ordem de importância que referi deixa-me num sítio mais honesto com eles e com a minha música. E este pensamento não se prende com o acordeão em específico, é uma coisa que sinto com todo o tipo de instrumentos.

Não sigo um músico improvisador apenas pela sua capacidade enquanto instrumentista ou pelo seu virtuosismo. Por exemplo, sou extremamente influenciado pela estética M-Base dos anos 1980 e acontece que muitos dos seus instrumentistas são incrivelmente proficientes na sua técnica e na mecânica, mas essa é uma condição da sua linguagem. Seria muito difícil, ou praticamente impossível, tocar aquela

linguagem sem aquele recurso técnico. Mas não é uma imposição, nem para essa estética e muito menos para outras. É uma escolha. Se essa escolha surgir de uma ideia ou de um pensamento musical forte estarei completamente atento a esse instrumentista.

Uma surpresa

Acho que devemos fazer a música que queremos, a que nos chega ao nosso próprio pensamento. Muitas vezes até podemos não gostar dela e sentir que essa música é demasiado franca, pois pode funcionar para alguns compositores como uma espécie de banda-sonora da sua própria vida, quase como uma autobiografia. Estamos em 2018 e sinto-me genuinamente afortunado pela sorte que foi ao meu encontro. Começando logo pela edição da minha música, uma parceria entre duas editoras, a Inner Circle Music de Greg Osby e a portuguesa Nischo, que me deram a abertura de publicar dois CDs (e no caso dos Home também um DVD ao vivo, gravado na Fundação Calouste Gulbenkian juntamente com o álbum) com a música que concebi, as capas que imaginei, os músicos que escolhi e o meu próprio *timing*, sem qualquer tipo de pressão temporal ou estética. Mais: estabeleci uma relação muito próxima com as pessoas envolvidas, desde a mistura e o *mastering* (Pedro Vidal e Nelson Carvalho no caso do “Directions”) ao *design* (José Alves do Rio). O que me permitiu fazer a música que quis sem ter de me inserir numa linha de agenciamento.

Ninguém estava à espera da reação que os Home desencadearam. Temos

tido um público muito jovem nos nossos concertos e muito interessado *online*. São pessoas que não estão necessariamente ligadas ao jazz – muitas vêm do rock, da música experimental e até da clássica. Alguns episódios sensibilizaram-me muito – temos tido pessoas a repetirem o concerto em várias salas e festivais de Norte a Sul do País, percorrendo vários quilómetros para ouvirem os Home. À semelhança do ano passado, em 2018 estaremos incluídos em várias programações fora do âmbito do jazz instrumental e isso vai ser divertido. Nesses concertos apresentaremos novas composições e conto tocar dois temas novos na Culturgest. Estamos também a trabalhar numa nova forma de apresentar a mesma música com mais liberdade. Para isso estou a acabar de criar um novo *setup* para o acordeão Midi, com mais possibilidades e recursos. Estou a melhorá-lo para que possa usar mais ferramentas em tempo real. A secção rítmica seguirá outros caminhos por cima das formas de improvisação mais complexas, o que poderá mudar bastante a música. Cada vez me apetece mais jogar com a improvisação total em cima do palco. Vamos ver o que acontece!

Existe por parte de colegas e figuras do meio musical um carinho muito gratificante para mim desde o primeiro dia que vim para Lisboa. Tenho tido muita sorte. Não minimizo as horas de estudo que são mais que muitas, a entrega e a minha obsessão por esta música. Mas pensar que tudo o que me tem acontecido resulta exclusivamente do meu trabalho é falso. Não é assim que as coisas

funcionam, não na vida real. Quando ainda eu era adolescente a minha mãe comprava religiosamente a jazz.pt no Porto Alto para que eu pudesse estar a par do que acontecia. Naquela altura estudava em Arruda dos Vinhos, não existia jazz no Ribatejo nem músicos da minha idade para tocar. Ia uma vez por semana à JB Jazz ter aulas de improvisação e fazer o curso. É através dessa revista que conheço Vijay Iyer, por exemplo. Quando fui para França comecei a comprar a Downbeat. Ora, chegar a 2018 e ter os Home na lista de melhores discos do ano na jazz.pt ou ter o “Directions” na Downbeat Best Albums of The Year é um sonho realizado. Ir à Fnac e comprar a edição de janeiro com o meu CD naquela lista foi algo mais do que musical, artístico ou de importância para a minha continuação neste meio, foi algo de pessoal. E continuo a ver estas coisas com o mesmo olhar de quando a minha mãe comprava essas publicações. Continuo a tocar acordeão porque é o que gosto de fazer e, ainda por cima, deixam-me fazê-lo. Vou acertar algumas vezes e vou falhar outras, já aconteceu antes. Faz parte, fazemos esta música porque a precisamos de fazer, não para nos servirmos dela. Só quero poder continuar a fazer a música em que acredito, sem barreiras ou estratégias externas à minha vontade.

Declarações recolhidas e montadas por Rui Eduardo Paes
Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

João Barradas

Nasceu em Porto Alto e inicia o estudo de acordeão com apenas seis anos. Com nove anos entra no curso de acordeão do Conservatório Nacional que termina com 20 valores. Atualmente, frequenta o mestrado em Ensino da Música na mesma instituição.

Um dos mais conceituados e reconhecidos acordeonistas europeus, movendo-se, simultaneamente, entre a música clássica, o jazz e a música improvisada.

Tocou em várias salas de concerto, ao lado dos maiores nomes da história do acordeão: Friederich Lips, Viatcheslav Semyonov, Yuri Shishkin, Richard Galliano, Alexander Dmitriev, Grayson Masefield, Frederic Deschamps, Aydar Gaynullin, Jérôme Richard, Eugénia Lima, Mario Stefano Pietrodarchi, Petar Maric, Aude Giuliano, Vitali Dmitriev e Eric Bouvelle.

Venceu alguns dos mais prestigiados concursos internacionais, dos quais se destacam o Troféu Mundial de Acordeão (que vence por duas vezes), o Coupe Mondiale de Acordeão, o Concurso Internacional de Castelfidardo e o Okud Istra International Competition.

É uma das figuras de maior destaque no acordeão jazz, tendo gravado para a editora nova-iorquina Inner Circle Music e colaborado com diversos músicos de renome, nomeadamente com Greg Osby, Gil Goldstein, Mark Turner, Miles Okazaki, Aka Moon, Mike Stern, Wayne Escoffery, Fabrizio Cassol, Mark Colenburg, Jacob Sacks, Sérgio

Carolino, Pedro Carneiro, entre muitos outros.

Em 2016 grava o seu primeiro álbum “Directions”, considerado um dos melhores álbuns do ano pela revista Downbeat, aparecendo na sua prestigiado lista “Best Albums of The Year”.

O segundo álbum “Home: An End As A New Beginning” desdobra-se numa música entre o jazz, a música livremente improvisada e o rock, onde a paixão por compassos compostos está mais do que evidenciada.

Mané Fernandes

Mané Fernandes nasceu no Porto, em 1990. Começou o seu percurso musical aos sete anos e aos oito anos entra no Conservatório de Música da Maia. Estudou com o guitarrista Pedro Cardoso, conhecido pelo nome artístico Peixe (Ornatos Violeta, Pluto e Zelig). Frequentou a Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto (ESMAE) onde estudou com Nuno Ferreira, Virgílda da Silva, Carlos Azevedo, Pedro Guedes, Paulo Perfeito, Mário Santos, Michael Lauren e Abe Rábade, terminando o seu recital final com 20 valores.

Em 2014 lançou o seu álbum de estreia “Mané Fernandes – BounceLab” e desde então mantém-se muito ativo na cena musical portuguesa como líder / co-líder (MF – BounceLab, MF Trio, MF – BounceCore, Snap’itude) e como *sideman* (Ricardo Coelho Quartet, Marcel Pascual Quartet, Quinteto Gonçalo Moreira, Eduardo Cardinho Quinteto, Manuel Brito “Light

is Made of Many Colors”). Em 2016 lançou “Root/Fruit” como edição de autor.

Gonçalo Neto

Em 2007, iniciou os estudos musicais no Conservatório de Música de Faro. Dois anos depois, frequentou o curso de Jazz e Música Moderna na Universidade Lusíada.

Ingressou na Escola Superior de Música de Lisboa, tendo aulas com músicos como Afonso Pais, João Moreira, Bruno Santos, André Fernandes e Bernardo Moreira.

Em 2013, venceu o prémio de Melhor Combo na Festa do Jazz do Teatro S. Luiz. No mesmo ano venceu o 2.º lugar, em *ex-aequo*, na categoria Jazz Combo do Prémio Jovens Músicos.

Teve aulas privadas com guitarristas como David Doruska e Kurt Rosenwinkel.

Eduardo Cardinho

Nasceu em 1993, em Marrazes (Leiria), e deu os primeiros passos na música aos seis anos. Em 2004, ingressou a classe de percussão do Conservatório de Música do Orfeão de Leiria. Em 2008, entrou na Escola Profissional de Música de Espinho onde foi aluno de Nuno Aroso, Rui Rodrigues, Joaquim Alves, Pedro Oliveira. Em 2011, frequentou a Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto (ESMAE), onde estudou vibrafone jazz com Jeffery Davis e Nuno Ferreira, Carlos Azevedo, Abe Rabade, Michael Lauren.

Partilhou o palco com grandes nomes do jazz como Soweto Kinch, Andrew D’Angelo, Ben Street, Russell Malone, Sérgio Carolino, Jordy Rossy.

Em 2013, venceu o 2.º lugar, em *ex-aequo*, do Prémio Jovens Músicos na categoria Jazz Combo, com o seu projeto Eduardo Cardinho Quinteto. Em 2014, venceu o prémio de melhor instrumentista na Festa do Jazz do Teatro S. Luiz.

É considerado uma jovem promessa no panorama jazzístico português como vibrafonista.

Ricardo Marques

Nascido em 1994, em Coimbra, iniciou a sua aprendizagem no baixo elétrico aos 12 anos.

Ingressou a escola de música Sítio de Sons e aos 18 anos entrou na classe de contrabaixo da Escola de Jazz Luiz Villas-Boas. Em 2010, com 16 anos, venceu o prémio Melhor Instrumentista (Baixo Elétrico) e recebeu a Menção Honrosa de Melhor Combo na Festa do Jazz do Teatro S. Luiz. Em 2012, recebeu a Menção Honrosa de Melhor Instrumentista (contrabaixo) e Menção Honrosa de Melhor Combo no mesmo festival.

Atualmente, frequenta a licenciatura em Jazz na Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), faz parte de vários projetos/bandas e já colaborou com diversos artistas: Carolina Deslandes, Luísa Sobral, April Ivy, Pedro Abrunhosa, Kumpania Alazarra, Fatzilla e Home.

Guilherme Melo

Nasceu em Coimbra, em 1994, e iniciou os seus estudos musicais com cinco anos. Ingressou a Escola Superior de Música de Lisboa aos 18 anos.

Aos 19 anos foi reconhecido com uma Menção Honrosa de Melhor Instrumentista na Festa do Jazz do Teatro S. Luiz.

Em 2016, com apenas 21, anos gravou o seu primeiro álbum com o grupo “L.A. Banda Larga”, formado pelo conhecido trombonista Lars Arens. No mesmo ano, integrou o grupo Home e ficou em 2.º lugar no concurso internacional de jovens músicos de jazz Jo Jazz 2016, em Havana (Cuba).

Ao longo da sua curta carreira colaborou com Gonçalo Marques, Nelson Cascais, Jeffery Davis, Oscar Graça, João Moreira e Pedro Moreira.

Próximo espetáculo

Se eu vivesse tu morrias

de Miguel Castro Caldas

Teatro Ter 6, qua 7, qui 8 de fevereiro

Palco Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M16



© Vitorino Coragem

Regressa à Culturgest um dos espetáculos mais convincentes dos últimos anos. Os atores e o texto conseguem ser tanto de papel como de carne, árvore e animal, e o livro que os espectadores recebem no início é um jogo novo para jogarmos.

Próximo evento de música

Festival Rescaldo

Música Sex 16, sáb 17, dom 18, sex 23, sáb 24 de fevereiro Pequeno Auditório, Garagem da Culturgest, Panteão Nacional · M6



© Travassos

Ao longo de 10 anos, o Festival Rescaldo afirmou-se como local privilegiado para sentir o pulso à criação sonora “sem rede” do país e a edição de 2018 não será diferente. O cartaz atravessa, como sempre, várias gerações, escolas, percursos e imaginários, e comprova a grande vitalidade da cena experimental, inclassificável, portuguesa.

Conselho Diretivo

Presidente

Paulo Moita de Macedo

Administradores

José Ramalho (Direção Executiva)

Mark Deputter (Direção Artística)

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate
e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro
temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança
temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
(coordenadora)

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Adriana Mestre (estagiária)

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

(coordenadora)

Patricia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira

(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

José Rui Silva

Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico de palco

Vasco Branco

Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt